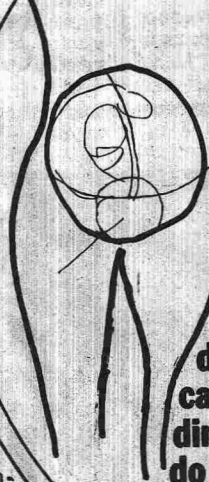


O bebê operado antes de nascer

Um cirurgião de Campinas nem acreditou: "Uma cirurgia intra-uterina no Brasil? Não acredito que seja possível nas atuais condições da medicina brasileira." Pois foi: no carente Hospital das Clínicas da Unicamp, de corredores sujos, precárias instalações elétricas, parte do pessoal em greve, um médico de 26 anos operou uma criança na barriga da mãe: introduziu uma agulha na cabeça do bebê (veja o desenho), diminuindo seu diâmetro e tornando possível o parto. Mãe e filha passam bem. Reportagem de Wilson Marini.



mente desejará um segundo, mais tarde. "Por isso, tudo foi feito no sentido de atender aos dois mãe e filho", disse.

O futuro de Jacqueline é incerto, como o das demais crianças com o mesmo problema. A maioria morre ao nascer ou é operada com um ano de idade, meses ou até semanas de vida. Há casos de pessoas que tiveram a doença e se desenvolvem com Q.I. médio, o que justifica, segundo os médicos, a complexa tentativa.

Jacqueline terá seu desenvolvimento acompanhado, em casa, havendo necessidade de se dar atenção ao aspecto psicomotor; dentro de alguns meses será possível realizar avaliações mais concretas sobre as suas chances de ter uma vida normal.

Os especialistas ainda estudam as causas da hidrocefalia (literalmente, água no cérebro), sabendo-se que ela pode ser congênita ou adquirida no desenvolvimento do feto. Até agora, ela tem sido associada também às doenças infecciosas. Como a anencefalia (que está ocorrendo em índices maiores em Cubatão, segundo se apurou recentemente), a hidrocefalia pode ter origem também em fatores ambientais, ligados à poluição ou à ingestão de alimentos contaminados. O número de ocorrências é relativamente alto: no HC de Campinas é registrado um caso por mês, mas, no Hospital das Clínicas de São Paulo, a estatística acusa um por dia.

"Não é possível"

"Uma cirurgia intra-uterina no Brasil? Desconheço esse fato e não acredito que seja possível nas atuais condições da medicina brasileira, apesar de toda a evolução." Reações como essa, do cirurgião Hélio Santos, foram repetidas ontem por vários dos



Jacqueline sofre de hidrocefalia



Idé, 16 anos, a mãe.

principais especialistas abordados sobre o feito.

O caso da menina Jacqueline rapidamente ganhou os comentários nos corredores da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e provocou diferentes tipos de reação. No Departamento de Tocoginecologia, onde a paciente foi inicialmente diagnosticada, a operação chegou até a ser considerada "rotineira" por alguns médicos, que estranharam a interpretação de ineditismo feita por alguns de seus colegas, do Setor de Neurologia.

O obstetra João Luiz Pinto e Silva, por exemplo, afirma que a intervenção é rara apenas porque o diagnóstico precoce da

hidroencefalia também é raro. Ele assegura que operações semelhantes foram feitas anteriormente no próprio HC de Campinas e em outros centros hospitalares do País.

Para Pinto e Silva, a operação intra-uterina, da forma como foi feita no HC, já é uma realidade no Brasil, tanto em pessoas como em animais, e poderá significar no futuro progressos na solução de muitas anomalias, inclusive cardíacas. Mas ele adverte que a pesquisa rumo à superespecialização deve ser apenas um subproduto da atividade universitária. "Não podemos aplicar a maior parte dos recursos num trabalho desse tipo", opina o especialista, com o argumento de que o índice de mortalidade infantil no Brasil (cerca de 50 por mil) ainda é elevado em relação aos Estados Unidos e países escandinavos (9 ou 10 por mil). "Quando alcançarmos esse nível, aí poderemos nos preocupar com bebê de proveta ou similares", diz.

Ele afirma que não se surpreenderia se fosse feito no Brasil um tratamento prolongado do feto, sem a interrupção da gravidez, como está sendo agora discutido nos Estados Unidos, "porque temos recursos para isso". O que ele questiona é a validade dessa aplicação imediata, "quando se sabe que é preciso uma melhoria na qualidade do atendimento, pois 50% das gestantes não fazem o pré-natal, o que resulta em aumento do índice de mortalidade". Em sua opinião, seria uma violência humana estar preocupado apenas com uma área de sofisticação. Temos possibilidades técnicas, mas não devemos implementar a pesquisa divorciada das necessidades mais prementes.

De forma diferente reagiram os médicos do Hospital Irmãos Penteados que participaram diretamente da intervenção intra-uterina. O neurologista Nubor Facure, diretor clínico, considerou um "fato histórico" a intervenção do seu assistente Joacir Dall'Oglio e convidou os residentes para presenciar o feito. Também professor da Unicamp, ele assegurava ontem, após consultar especialistas em ecografia, como Marco Aurélio Pavan, que a operação é bastante rara no mundo. Hoje, ambos estarão reunidos para discutir essa questão, bem como eventuais casos semelhantes registrados pela medicina com referência ao tratamento da hidroencefalia.

Já Dall'Oglio, a quem foram transferidos os méritos pela intervenção, parecia menos preocupado em provar o ineditismo do feito. Descontraído, circulava de camiseta listrada e barba por fazer nos apertados e sujos corredores do hospital em greve. "Não se fez uma experiência, mas uma tentativa com sucesso de se salvar uma vida", explicava, ao mesmo tempo em que não escondia certa mágoa pela falta de reconhecimento do ato. "Trabalho desse tipo não é valorizado no Brasil; as pessoas dão mais importância ao que se faz no estrangeiro." Ele disse que enfrentou muitas limitações, a partir da própria situação do HC. Os exames de ultra-som foram feitos com a cessão do serviço por outra instituição, a maternidade de Campinas, já que a aparelhagem do HC, nova, cara e de tempo útil limitado, está toda encaixotada, pois o centenário prédio não comporta esse avanço técnico. A precariedade do edifício era comprovada pelo eletricitista de plantão. Segundo ele, se alguém se der ao trabalho de observar a fiação interna, sairá correndo do prédio.

"Ela bebeu muita água"

A casa da mãe de Jacqueline é a mais pobre da rua. Paredes de tijolos sem acabamento, teto de telhas sem laje, apenas uma porta de entrada, pela cozinha. O bebê será o oitavo morador do número 940 da rua Pedro Domingos Vitali, Parque Itália.

A rústica moradia, de três pequenos quartos, sala e cozinha, está sendo toda preparada para quando Jacqueline deixar o hospital: no "cômodo das moças" — as quatro filhas —, foi colocado o berço, presente de uma vizinha. E uma das poucas gavetas do guarda-roupa foi reservada especialmente para as roupinhas de "Jackie". Na verdade, o bebê é a esperança da família Custódio para alegrar o lar, que vive de sofrimentos, de problemas financeiros e da expectativa de um dia conseguir dinheiro suficiente para realizar o grande sonho da chefe da casa, dona Maria, viúva: terminar as obras da residência.

São pobres, muito pobres; admitem que tudo o que conseguiram para o bebê até agora foi dado pelos amigos. E assumem sem constrangimento o fato de que Idé é mãe solteira, embora o pai da criança, o soldado do Exército Perseu Nogueira Penido, 18 anos, pretenda se casar logo que consiga uma posição melhor nas Forças Armadas ou um emprego na vida civil. "O meu Perseu é ótimo", diz timidamente a jovem Idé, que abandonou a quinta série ginasial no ano passado, envergonhada com a própria gravidez. Dona Maria acabara de perder o marido, que deixou apenas uma pensão de 9.500 cruzeiros. Ela encarou a situação como "uma verdadeira mãe", conforme ela própria define: "Falei para a Idé não pôr o bebê fora. Falei que seria melhor ter o nenê. Ela gostou. Falei também que não é porque tinha acontecido a gravidez sem ela estar casada que a gente iria pôr ela fora de casa".

A gravidez transcorreu normalmente, enquanto dona Maria procurava manter a casa com o problema crônico do pouco dinheiro e ao mesmo tempo conformar-se com a situação neurológica de Jonas, o único filho homem, que aos dois anos caiu de uma escada, bateu a cabeça e a partir disso ficou "meio abobado". Tem 20 anos.

Sem recursos, os Custódio vão "levando a vida". Dona Maria não se queixa, porque diz que tem ótimos vizinhos, que os ajudam.

Ao menor barulho na rua, Idé está saindo para olhar, esperando que os médicos do Hospital das Clínicas tenham dado alta para Jackie. E revela que não sabe quase nada do que está acontecendo com sua filhinha:

— O que aconteceu foi o seguinte: no parto, ela bebeu muita água, que foi parar na cabeça. Só isso. Agora os médicos tiraram, e ela vem logo para casa.

Idé Custódio, 16 anos, mãe solteira, sentiu contrações e procurou o Hospital das Clínicas da Unicamp. Estava para dar à luz o primeiro filho.

Mas havia um problema difícil de ser resolvido — a cabeça do feto era bem maior que o normal e, mesmo com uma operação cesariana, o útero iria certamente ser destruído. Solução adotada pelos médicos: esvaziar parcialmente a região encefálica, diminuindo a circunferência da caixa craniana e permitindo, assim, o nascimento.

Essa intervenção intra-uterina, seguida do parto, foi feita com sucesso em Campinas no último dia 17, às 19h15, comprovando que também no Brasil a Medicina já pode começar a corrigir anomalias infantis no próprio útero materno, com vantagens para a mãe e o filho. O bebê — Jacqueline, uma menina de 3,480 quilos e 48 centímetros de tamanho — sofre de hidrocefalia, e permanece internado no Serviço de Neonatologia do HC, com cuidados especiais. E poderá passar à história médica brasileira como o primeiro paciente operado antes de a mãe dar à luz, ainda no útero.

O ginecologista e obstetra João Luiz Pinto e Silva, responsável pelo parto, afirma que a operação "foi uma tática para preservar a integridade da criança, do útero e da mãe, já que era impossível um parto normal ou cirúrgico devido à desproporção entre a cabeça da criança e a bacia". Os riscos seriam enormes.

O autor da difícil e raríssima intervenção foi o neurocirurgião Joacir Dall'Oglio, 26 anos, formado em 1979 pela Universidade de Passo Fundo (RS). "A maior preocupação era com a localização correta do ponto de punção e com o controle da saída do líquido, para não extravasar sangue", dizia, ontem, o jovem especialista.

Basicamente, a intervenção consistiu na introdução de uma agulha, de 18 milímetros de diâmetro e 15 centímetros de comprimento, através do ventrículo cerebral, permitindo a ligação entre a superfície da cabeça e o encéfalo. Pela sonda, retiraram-se cerca de 145 milímetros do líquido contido no local, o suficiente para diminuir o tamanho da cabeça do bebê e permitir o prosseguimento do parto.

Uma das dificuldades relatadas pelo médico refere-se à situação de mobilidade da criança no útero: "As contrações causavam hipertensão", diz. Toda a operação demorou cerca de 80 minutos, 25 dos quais para as punções de retirada do líquido encefálico. A menina nasceu com um perímetro na cabeça de 42,5 centímetros, estimando-se que antes do esvaziamento ele era de 48 centímetros (um bebê normal apresenta, em média, 34 centímetros).

O tamanho da cabeça, ainda anormal, mas já reduzido em relação à situação anterior, permitiu o parto por meio de operação cesariana. Jacqueline nasceu em condições absolutamente favoráveis, segundo a avaliação médica. Com a pele rosada, como a maioria dos bebês, apresentou normalidade quanto aos batimentos cardíacos (mais de cem por minuto), movimentos respiratórios e ativos normais, resultando em índices satisfatórios.

No dia seguinte ao do nascimento, Jacqueline foi submetida a outras duas operações. Uma delas foi para a colocação de uma válvula sob a pele, e que trabalha sob pressão, drenando permanente e automaticamente o líquido. A peça consegue bombear o excesso de líquido pelo sistema venoso até o peritônio, na barriga, de onde ele é eliminado com a urina. Essa válvula permanecerá para sempre atrás da orelha e se destina a eliminar novos acúmulos do líquido.

Depois disso, os médicos fizeram uma terceira operação, para corrigir uma deformação tumoral ("encefalocelo occipital"), ainda na cabeça, na altura da nuca. Por mais dois ou três dias, a criança permanecerá fora de estufa, no acanhado cubículo do berçário do decadente HC, apenas para restabelecer-se e receber alguns antibióticos. Alimenta-se do leite materno, colhido e transportado ao hospital. Idé mora com a mãe viúva e quatro irmãos, numa casa pobre de um bairro de classe média de Campinas, o Parque Itália. Foi internada no HC como "indigente". Chegou usando ônibus urbano no horário de maior movimento, temendo "pelas dores" e sem tempo de comunicar o pai da criança, Perseu Nogueira Penido, 19 anos, mais preocupado em preparar-se para o curso de cabo na 11ª Brigada de Infantaria Blindada, onde é soldado engajado.

O que é a doença

A hidrocefalia, doença que motivou o crescimento exagerado da cabeça e a compressão do cérebro de Jacqueline, consiste na formação descontrolada do líquido encefálico, cujo volume em excesso pressiona a massa cerebral, que com isso não se desenvolve convenientemente.

O prognóstico da evolução de Jacqueline é desconhecido pelos médicos, que não se arriscam a raciocinar sobre hipóteses. O certo é que sua cabeça será sempre maior que o normal, devido à dilatação já ocorrida. E a constante formação do líquido exigirá a permanência da válvula reguladora da drenagem sob o couro cabeludo.

Antes de nascer, o bebê foi avaliado por meio de foto-radiologia do sistema de ultra-som. Segundo os médicos, antes de ser decidida a cirurgia intra-uterina, houve uma discussão, em torno da qualidade de vida do futuro paciente. Se a massa encefálica esti-